

## NEGÓCIO

### INFORME SETORIAL

#### **Negócio de cannabis atrai empresários**

##### **O Estado de S. Paulo.**

O crescimento do mercado da cannabis para uso terapêutico tem atraído a atenção e os investimentos de grandes empresários e executivos no Brasil. Estimativa da Fortune Business Insights previa movimento global de US\$ 28 bilhões em 2021, podendo chegar a US\$ 197 bilhões em 2028. Além do uso medicinal, a planta é aproveitada na fabricação de matéria-prima para as indústrias cosmética, têxtil, de alimentos e bebidas e até na construção civil, o que justifica o interesse cada vez maior nesse segmento.

Claudio Lottenberg, ex-presidente do hospital Albert Einstein e atual presidente do conselho da entidade, acompanhava os avanços da substância na Medicina havia anos, até que, em 2021, decidiu apostar no seu próprio negócio ligado à cannabis. É um dos sócios da Zion MedPharma. Segundo ele, não há dúvidas sobre o potencial terapêutico, mas ainda é preciso superar a barreira da falta de conhecimento.

“Quando as cirurgias de miopia começaram, também enfrentaram preconceito, eram vistas como estética. Depois, normalizou. Coisa parecida aconteceu com a cirurgia bariátrica”, diz.

Ao lado de Lottenberg no comando da Zion está Dirceu Barbano, ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Ele, que assinou as primeiras autorizações para importação de cannabis no Brasil, não teve dúvidas quando a oportunidade de investir no mercado de cannabis bateu à porta. Hoje, a Zion tem seu valor de mercado estimado em R\$ 60 milhões.

Ex-diretor executivo do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Allan Paiotti, que também já ocupou cargos de diretoria em empresas de tecnologia, também entrou nesse mercado. “Quando tive contato com o mundo da cannabis medicinal, fiquei impressionado com seu potencial terapêutico e com o relativo atraso do Brasil nessa matéria. Aí, resolvi juntar as coisas”, diz, referindo-se à decisão de fundar a Cannect, marketplace de produtos médicos e à base de cannabis, em que atua como presidente.

### **APOSTA.**

No exterior, não são apenas executivos da área da saúde. Grupos farmacêuticos já fizeram suas apostas na cannabis. A Pfizer e a Jazz Pharmaceuticals investiram cerca de US\$ 7 bilhões cada uma em aquisições. No Brasil, até pela insegurança jurídica – uma vez que a maconha, considerada ilícita no País, é uma das espécies da cannabis –, esse tipo de movimentação ainda não acontece em larga escala. A Hypera, maior farmacêutica do País, já protocolou pedido para a comercialização de produtos à base da substância e aguarda pela aprovação da Anvisa.

Para que esse mercado avance, seria necessária à sua regulamentação. Mas o projeto que trata do assunto, o PL 399/15, está parado no Congresso desde 2015. Quase todos os países da América Latina estão mais adiantados em relação à regulamentação. Uruguai, Colômbia, México, Argentina e Paraguai, por exemplo, já

autorizaram o plantio em seus territórios, passo fundamental para o crescimento do negócio.

Enquanto isso não acontece por aqui, os fundos de investimentos que investem nesse mercado precisam recorrer às empresas listadas nas Bolsas americanas, como o fundo da XP. O BTG também entrou nesse segmento após a compra, no ano passado, da gestora Vítreo, que já tinha um fundo de investimentos voltado para a cannabis.

Apesar das dificuldades, o potencial do mercado não passou despercebido para Theo van der Loo. Ele foi presidente da Bayer no Brasil de 2011 a 2018. Quando saiu da empresa para se aposentar, encontrou tempo para se dedicar aos estudos sobre a cannabis. Cauteloso, primeiro se tornou investidor de uma empresa no Uruguai, até que, em 2019, fundou a NatuScience, importadora para o mercado brasileiro.

Atualmente, ele dedica 70% do seu tempo ao mercado da cannabis. “É uma questão complexa, com muitas oportunidades, mas, também, muitos riscos pela questão regulatória. Como você vai investir milhões em ensaios clínicos para desenvolver o mercado se não tiver a segurança de que o mercado seguirá existindo?”, diz.

Outro executivo que resolveu apostar as fichas nesse segmento é José Roberto Machado. Com 28 anos de experiência na área financeira – sendo 18 no Santander –, decidiu, há dois anos, deixar o cargo de diretor que ocupava no banco para entrar de cabeça no setor de cannabis. Em um primeiro momento, como investidor de um cultivo no Uruguai; em seguida, como investidor-anjo na operação da brasileira OnixCann.

O mercado também atrai pessoas ligadas ao esporte. O tenista Bruno Soares investiu R\$ 12 milhões na farmacêutica brasileira EaseLabs. “Senti na pele os

benefícios da cannabis para os problemas que eu tinha como atleta de alto rendimento e, desde então, faz parte da minha rotina”, conta.

### **PIONEIRISMO.**

Patrícia Villela Marino, casada com Ricardo Villela Marino, membro de uma das famílias controladoras do Banco Itaú, figura entre os principais investidores da cannabis no Brasil. Sua relação com o tema é antiga. Em 2010, liderou a criação da Plataforma de Política de Drogas, apoiada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, para discutir essa questão na América Latina. Em 2015, a plataforma transformou-se no Instituto Humanitas 360, que abarca este e outros assuntos.

Nunca foi tarefa fácil. “Fui chamada de maconheira rica inúmeras vezes”, conta Patrícia, que coproduziu o documentário *Ilegal*, sobre famílias lutando pelo acesso à cannabis medicinal para os filhos. Atualmente, ela investe em mais de dez empresas de cannabis que estão debaixo do guarda-chuva da primeira aceleradora desse tipo de negócio no Brasil, a The Green Hub, na qual é também a principal investidora.

### **LEGALIZAÇÃO.**

Apesar das polêmicas, o uso da cannabis vem sendo legalizado em vários países, após pesquisas mostrarem os efeitos positivos no combate a enfermidades como epilepsia refratária, mal de Parkinson e fibromialgia. Diversos governos passaram a apostar na cultura até como solução para problemas sociais.

É o caso da Tailândia, onde há até pouquíssimo tempo cultivar cannabis levava à prisão. Hoje, o próprio governo distribui 1 milhão de mudas da planta entre a população e estimula a troca de culturas entre os agricultores. É também o caso do Líbano, onde a legalização, no ano passado, faz parte de um plano de recuperação econômica do país.

E pesquisas mostram que a legalização não elevou o uso da maconha. Em alguns casos, até diminuiu, como mostra estudo publicado na revista Addiction.

Uma equipe avaliou tendências do uso de cannabis por jovens e adolescentes de 12 a 21 anos no Uruguai após a legalização, em 2017. O resultado não mostrou mudanças significativas no padrão de consumo; entre menores de 18 anos, o uso de maconha chegou a cair.

**Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET**

**Edição 491 – Em 27 de junho de 2022**

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.